

## **DIA DO COMBATENTE**

**09 de Abril de 2006**

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, em representação de Sua Ex.<sup>a</sup>. o Ministro da Defesa Nacional: Em nome dos combatentes por Portugal agradecemos a presença de V. Ex.<sup>a</sup>, testemunho do valor e importância que o poder político, primeiro responsável pela nossa própria condição de Combatentes, deu e continua a dar ao que somos e ao que sentimos.

Senhor Doutor António Lobo Antunes, português ilustre e superior homem de letras, nosso convidado para fazer a oração ao túmulo do soldado conhecido. É V. Exa. um Combatente conhecedor da nossa linguagem. Permita que lhe testemunhe uma profunda gratidão por podermos hoje tê-lo em nossa companhia e pela disponibilidade imediata que demonstrou perante o nosso convite.

Caros Combatentes

Hoje é dia de História. Hoje é dia de Memória Coletiva. Memória Coletiva que mais uma vez nos revela que a:

*"A História se faz dia a dia repartida  
Pelo tudo e pelo nada que se liga:  
Deportados, mercadores ou senhores de império  
Fé, temperos, especiarias ou minérios."*

Ao reunirmo-nos hoje, neste local, pela 88.a vez evocando os que se bateram na I Grande Guerra, nomeadamente na Batalha de La Lys, fazemo-lo, como sempre, de forma abrangente, evocando aqueles que em qualquer momento da nossa História o fizeram e o fazem hoje, por Portugal. "Com esse sentido da História repartida Pelo tudo e nada que se liga Pelas memórias do esquecimento, Escritas na pedra, pergaminho ou pensamento A que o homem e o tempo vão dando nascimento." Faz hoje precisamente 88 anos que, por esta hora, dezenas de milhares de portugueses, depois de se terem batido durante longos meses por terras da Flandres, respiravam os ares que a esperança e imaginação se encarregam de produzir, quando no horizonte se desenha o regresso, se vive já o sentimento do dever cumprido que acompanha a rendição, o imaginado esbater de uma saudade profunda de

familiares e amigos. O sair de um pesadelo e o acordar tranquilo depois de passar incrédulo a tempestade. Quis o destino e o inimigo que escolheu o sector português para exercer o esforço da sua ofensiva, que os ares dessa esperança e imaginação se não transformassem, para grande parte deles, num acordar tranquilo e esbatimento de saudade, mas em perda de liberdade e de saúde ou luto definitivo, profundo e duradouro que abanou toda a nação portuguesa e ainda hoje se evoca.

Faz amanhã 88 anos que esses milhares de homens das forças armadas portuguesas sob comando inglês, perdiam a esperança e lhes parava a vida. Sofrendo a rotura da frente defensiva em que estavam integrados, absorveram as consequências do desproporcionando potencial relativo de combate, humano, de fogo e de choque que um atacante dispõe, quando se decide passar à ofensiva. Com o absorver dramático dessa ofensiva, que resultou numa aparente derrota na batalha, em 9 de Abril, os portugueses contribuíram para a vitória na guerra que sete meses depois conduziu à assinatura do Armistício, a 11 de Novembro do mesmo ano. É essa amálgama de derrotas e de vitórias que caracterizam a vida dos povos e do homem em sociedade, em qualquer circunstância, que hoje, tomando por base aquele facto histórico, mais uma vez evocamos com um sentido permanente de confiança no futuro. Por isso é importante recordar, frente aos soldados de hoje, neste lugar, onde se elevam monumentos a grandes vitórias e se imortalizam os que sofreram a maior derrota da sua vida - e ainda hoje não sabemos quem são e onde se encontram algumas passagens dessa Memória Coletiva, de vitórias e de derrotas, pois elas são fator de ensinamento e de coragem para se enfrentarem bons e maus momentos. Fez ontem precisamente 500 anos que nascia aquele que viria a ser apóstolo das Índias: São Francisco Xavier. Nesse mesmo ano do seu nascimento, 1506, Afonso de Albuquerque e Tristão da Cunha partiam para a Índia. Momento grande para Portugal. Cem anos depois, 1606, por aquelas paragens, se instalava a Companhia Holandesa das Índias, tendo Portugal perdido a independência. Momento menos bom. Mas cem anos depois, 1706 veríamos a situação invertida, assinalando nesse ano uma grande ofensiva de um exército comandado pelo Marquês das Minas chegar às portas de Madrid.

*"Mais um momento da História de um todo luso ibérico  
Que se fez dia a dia por terra e por mares"*

E é obra de um povo, diplomatas e militares." Mais um século, 1806, e a situação político militar voltaria a estar ameaçada agora com a declaração do Bloqueio Continental por parte de Napoleão. Seguir-se-iam as Invasões Francesas. Momentos de grande crise de que saímos mais uma vez vitoriosos como povo.

E a História revela-nos que, cem anos depois, 1906, as preocupações tinham agora uma origem mais britânica e internamente apontávamos para o abandono da rotatividade partidária, dando início a um governo ditatorial, que viria dar origem à queda da Monarquia e instauração da República, a qual quatro anos depois assistiria ao começo da Grande Guerra. Momento conturbado e difícil para os portugueses de que souberam sair mais uma vez vitoriosos. Hoje, cem anos depois, 2006, vivemos em democracia, pertencemos à União Europeia e à NATO, não estamos em guerra e vivemos mais um ciclo preocupante da nossa história e da história mundial cujas causas próximas e remotas são conhecidas. O nosso pensamento e consequentemente ação só podem ter um sentido. O sentido da convergência e união de esforços no cumprimento de objetivos vitais. Iremos sair vitoriosos como sempre tem acontecido e a nossa história de séculos ilustra. Aos que acreditam e nesse sentido trabalham, que o futuro lhes faculte sempre os destinos deste povo.

*"Por outro lado,  
Quando escrita pelo sangue e pelo fado  
A história recorda destino marcado"*

A um país que foi e será obra de soldado." Hoje é dia desse soldado, de hoje, de ontem e de sempre, do Afeganistão a Nambuangongo, de La Lys a Ourique, de S. Mamede ao 25 de Abril. Fiéis a estas oliveiras plantadas no exterior deste monumento, em memória desses soldados desconhecidos, com o intuito de fornecerem o azeite votivo que iluminasse as suas campas, aqui estamos mais uma vez, como estiveram nossos antecessores. Em mais uma romagem. Infelizmente, muitos de nós tivemos a nossa própria experiência de guerra. Sabemos do que falamos quando evocamos a História dos conflitos. Reconhecemos os sacrifícios dos nossos antepassados, porque vivemos sacrifícios semelhantes. É por isso natural que exijamos mesmo, alguma atenção especial sobre nós próprios e os nossos problemas. Por isso, não temos medo de, por vezes, pararmos o tempo e sem medo de nele cairmos, olharmos mesmo para dentro desse tempo, com sentimento crítico, conhecedor e exigente para com o homem e as circunstâncias, mas indiferentes a algumas correntes da história que sabemos, por tendenciosas, não serão um dia as correntes predominantes da nossa História. Com esse espírito, ao mesmo tempo crítico e de profundo respeito e admiração pelo que fomos e fizemos, o que somos e fazemos, que hoje mais uma vez, procuramos que se não esqueçam os nossos mortos e se continue lutando pela dignidade dos vivos. Hoje é Dia do Combatente.

Que os Combatentes vivos sintam razões de orgulho por estarem vivos, pelo que fizeram e por sentirem que os seus concidadãos ao reconhecê-los como combatentes se curvam pelos serviços prestados ao seu país. Esse

reconhecimento não está nas mãos dos combatentes produzi-lo, mas estando, como sabemos, no coração dos portugueses é importante que os responsáveis criem condições para que ele por vezes se revele publicamente. Pertencemos a uma geração de Vitória que viveu a segunda guerra mundial, se bateu pelas armas na Ásia e em África, se envolveu com a NATO na chamada guerra fria e deu, lutando, a democracia a Portugal. A esta geração custa aceitar qualquer derrota e encontra no "relâmpago de fogo" que brota da fala dos seu mortos, a força para a ação e para o acreditar. Acreditar sempre. Por isso nos apetece por vezes gritar:

*"Ó memória / Retira da Sombra / A Glória / Dos que cáíram! / Ilumina a penumbra  
/ Da História / Dos que partiram! / A Geração de Vitória / Venceu! / Nunca  
esquecerá os que perdeu!"*

Vale por isso a pena, por vezes, "olharmos para dentro do tempo", para procurarmos encontrar a força e o saber necessários à defesa e manutenção da nossa identidade e a garantia da solução dos nossos problemas. O País, contou, conta e continuará a contar connosco Combatentes por Portugal.